



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**DO ESQUECIMENTO À CRIATIVIDADE: EXPLORANDO A SEGUNDA
CONSIDERAÇÃO EXTEMPORÂNEA DE NIETZSCHE**

Elaborado por:

ALÍCIA DE SOUZA BALTAR FERREIRA

Orientador:

JOSE NICOLAO JULIAO

Seropédica/ RJ

Dezembro/2024

ALICIA DE SOUZA BALTAR FERREIRA

**DO ESQUECIMENTO À CRIATIVIDADE: EXPLORANDO A SEGUNDA
CONSIDERAÇÃO EXTEMPORÂNEA DE NIETZSCHE**

Monografia apresentada ao Curso de
Filosofia, do Instituto de Ciências Sociais e
Humanas da Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, como requisito parcial
na obtenção do grau de Licenciado em
Filosofia.

Seropédica, 2024

**DO ESQUECIMENTO À CRIATIVIDADE: EXPLORANDO A SEGUNDA
CONSIDERAÇÃO EXTEMPORÂNEA DE NIETZSCHE**

ALÍCIA DE SOUZA BALTAR FERREIRA

MONOGRAFIA APROVADA EM: 16/12/2024

BANCA EXAMINADORA:

ORIENTADOR: _____

(Dr. José Nicolao Julião ICHS- UFRRJ)

MEMBRO TITULAR: _____

(Dr. Danilo Bilate de Carvalho ICHS-UFRRJ)

MEMBRO TITULAR: _____

(Dr. Piero Di Cristo Carvalho Detoni)

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a minha família que sempre esteve ao meu lado durante toda a minha trajetória acadêmica e sempre me motivaram nos estudos, principalmente minha avó e meu avô, Benedita e Fernandes.

Agradeço aos meus amigos que sempre me ajudaram nos altos e baixos da vida acadêmica, e sempre continuaram ao meu lado apesar dos baixos.

Agradecimentos ao meu namorado, Wesley, que sempre esteve ao meu lado e sempre me motivou a continuar os estudos, e me fez encarar e não desistir dessa grande jornada.

Agradeço a Nikka, minha cadela que estava sempre comigo quando estava sem motivação e sem coragem de estudar e me fez ter forças para continuar nesse caminho e para ser uma pessoa melhor.

Outro agradecimento especial é ao meu orientador, José Nicolao Julião, que aceitou ser meu orientador no trabalho de conclusão de curso, e, da iniciação científica.

Por último deixo meus agradecimentos ao CNPq, pela bolsa do PIBIC, que ajudou a financiar a pesquisa de Iniciação Científica, e me permitiu fazer minha Monografia.

“Aquele que tem um porquê para viver, pode enfrentar todos os ‘comos’”.

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

Na Segunda Consideração Extemporânea, a utilidade e a desvantagem da história para a vida, de Friedrich Nietzsche, o autor se dedica a analisar as questões positivas e negativas da história para vida, através da sua crítica ao historicismo. Nietzsche discorrerá sobre a necessidade e a importância da história para vida, mas, apresenta como o seu excesso pode ser prejudicial para os indivíduos, devido à carga de memória depositada na tarefa de resgate do passado, e, por isso, reivindica o esquecimento como necessário para se buscar novos conhecimentos e criar coisas novas. Esta monografia tem como objetivo analisar a Segunda Consideração Extemporânea, dando ênfase à forma como o autor discute sobre a importância da história para a formação cultural e individual, assim como os riscos que esse excesso de historicidade pode trazer para a questão da criatividade e inovação.

Palavras-chave: Criatividade; Esquecimento; História; Inovação; Nietzsche.

ABSTRACT

In the Second Untimely Meditation, *On the Use and Disadvantage of History for Life*, Friedrich Nietzsche dedicates himself to analyzing the positive and negative aspects of history for life through his critique of historicism. Nietzsche discusses the necessity and importance of history for life but also demonstrates how its excess can be harmful to individuals due to the burden of memory involved in the task of recovering the past. For this reason, he advocates forgetting as essential for pursuing new knowledge and creating new things. This monograph aims to analyze the Second Untimely Meditation, emphasizing how the author addresses the importance of history for cultural and individual formation, as well as the risks that excessive historicity poses to creativity and innovation.

Keywords: Creativity; Forgetfulness; History; Innovation; Nietzsche.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	9
2. NIETZSCHE E A REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA.....	13
2.1. A História Monumental.....	14
2.2. A História Antiquária.....	15
2.3. A História Crítica.....	17
3. A CRÍTICA DE NIETZSCHE AO HISTORICISMO.....	19
4. MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E CRIATIVIDADE.....	23
4.1 A Dialética entre Memória e Esquecimento.....	25
4.2. O esquecimento como forma de inovação.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
6. BIBLIOGRAFIA.....	31

1. INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi um grande filósofo do século XIX, e suas ideias são debatidas até os dias atuais no campo da filosofia, principalmente sobre a questão da moralidade, a cultura e a história. Em sua obra *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche indaga o papel que a história tem na vida humana, assim apresentando algumas reflexões sobre a relação do indivíduo com o passado.

A *Segunda Consideração Extemporânea*, de Friedrich Nietzsche, escrita em 1873 e publicada em 1874, apresenta uma crítica ao historicismo predominante de sua época, mostrando os perigos do apego excessivo ao passado. Nesse contexto, Nietzsche via o esquecimento como um elemento essencial para a criatividade e inovação da vida humana.

O filósofo reconhece a importância da história para a formação da cultura e da individualidade, considerando-a importante para a construção da identidade e dos valores sociais. No entanto, ele mostra que, quando os indivíduos se prendem demais ao passado, isso pode levar à estagnação do presente, assim limitando o potencial criativo e dificultando a capacidade de renovação.

Nesse contexto, Nietzsche identifica os três modos essenciais de relação com o tempo a história, que seriam o a-histórico, o histórico e o supra-histórico. O a-histórico, que irá privilegiar o presente e fazer com que os indivíduos esqueçam e ignorem aspectos do passado que não são importantes para o presente, também vai falar sobre o modo histórico, que vai enaltecer a memória e a tradição, ou seja, o modo como os indivíduos se relacionam com seu passado, outro modo vai ser o supra-histórico, que vai transcender o tempo, assim inspirando novas realizações.

A partir desses modos de relação com o tempo, Nietzsche introduz os três tipos de história, que seriam a monumental, antiquária e crítica, que vão indicar os diferentes jeitos de se lidar com o passado, e como influenciam a relação dos indivíduos com a sua vida presente. A história monumental vai ser aquela que utiliza o passado como inspiração para o presente, a história antiquária vai ser aquela que vai prezar pelas tradições do passado, e a história crítica vai ser aquela que vai romper com os aspectos ultrapassados do passado.

Para Nietzsche, a história não deve ser vista como um impedimento ao avanço da vida, mas como um elemento que possibilita a evolução do ser humano. No entanto, quando o apego ao passado é excessivo e não há um equilíbrio com o esquecimento, o progresso e a inovação ficam comprometidos. A força plástica então aparece com a capacidade de equilibrar essa

relação de passado e presente, memória e esquecimento, assim permitindo que os indivíduos consigam dialogar tanto com o passado, quanto com o presente. O esquecimento, portanto, se apresenta como um processo necessário para abrir espaço para novas experiências, ideias e criações. Assim, esse trabalho busca analisar como o esquecimento, aliado a uma reflexão crítica sobre o passado, pode fomentar a criatividade e a renovação cultural, oferecendo uma alternativa à estagnação provocada pelo historicismo.

Ao juntar os modos de relação com o tempo e os tipos de história, Nietzsche destaca que o equilíbrio entre memória e esquecimento pode fazer com que leve a uma relação mais saudável com o passado, fazendo assim, com que o passado seja utilizado como uma forma de impulsionar a vida.

Com o intuito de explorar essas questões com mais profundidade e atingir nosso objetivo, este trabalho está dividido em quatro partes. Inicialmente, abordamos a reflexão de Nietzsche sobre as diferentes formas de relação com o passado, sendo elas a história monumental, a história antiquária e a histórica crítica.

A história monumental vai tratar o passado como uma inspiração para o presente, reiterando padrões do passado como modelo para o presente e o futuro. Já na história antiquária vai valorizar o passado pelas tradições e identidade, porém ela ainda pode levar a uma obsessão com esse passado, o que restringe a capacidade de transformação e criação de novas possibilidades. Por fim, temos a história crítica, que é apresentada como uma ruptura com elementos do passado que são ultrapassados. Essa perspectiva possibilita aos indivíduos romper com tradições e influências históricas ultrapassadas, promovendo uma revisão crítica das bases que fundamentam o presente.

Ao analisar essas três perspectivas, a história monumental, a antiquária e a crítica, buscamos compreender como Nietzsche propõe equilibrar essas perspectivas históricas para que a relação com o passado seja não apenas funcional, mas também propícia à vida e à criatividade.

Na segunda parte, vamos analisar a crítica de Nietzsche sobre o historicismo, ressaltando como essa valorização excessiva do passado pode prejudicar os indivíduos. Segundo Nietzsche, o historicismo, ao continuar concentrando seus esforços em registrar, preservar e enaltecer os eventos ocorridos no passado, podem prejudicar a energia criativa necessária para que os indivíduos e as sociedades se renovem, assim fazendo com que esse apego à história dificulte a capacidade dos indivíduos de agir de forma autêntica e inovadora.

Para Nietzsche, a história é necessária, porém seu excesso prejudica a questão da inovação e da criatividade nos indivíduos, então o filósofo vai argumentar sobre o esquecimento

ter uma importância na questão da história, pois existe uma necessidade de continuidade e renovação da vida. Para Nietzsche, o esquecimento não é algo negativo, mas é algo necessário para que os indivíduos não fiquem estagnados e presos ao passado, já que esse passado excessivo pode ser prejudicial para a criatividade.

O filósofo então considera que o esquecimento desempenha um papel ativo e necessário, pois ele seria como um filtro, determinando o que é preciso saber da história e o que não serve mais para o presente, assim fazendo com que os indivíduos se libertem da estagnação e de viver no passado, e assim, permitindo novas possibilidades.

Na terceira parte vamos explorar a relação entre memória, o esquecimento e a criatividade, destacando como esses elementos são importantes para a filosofia de Nietzsche. O esquecimento, para Nietzsche, seria como uma digestão das experiências passadas, permitindo que o indivíduo extraia apenas o que é útil para o presente. Essa digestão das memórias é o que impede o indivíduo de ficar estagnado em lembranças que não o servem mais.

O esquecimento de Nietzsche tem um respeito ao passado, ou seja, compreende a importância do passado, pois o apagamento desse passado também pode distorcer a memória histórica, então para ele esse esquecimento seria uma forma de aliviar esse peso que o passado traz. Já a memória, sempre foi exaltada como uma das melhores capacidades do ser humano, sendo vista como necessário para manter as lembranças, o aprendizado das coisas boas e experiências ruins. No entanto, essa grande valorização da memória é muitas vezes ruim, pois ela pode prejudicar o indivíduo.

Nietzsche questiona essa idealização da memória, pois para ele a memória excessiva pode prejudicar o indivíduo, pois pode o aprisionar no passado, fazendo com que não exista uma renovação. Para Nietzsche, o esquecimento não seria esse apagamento total das lembranças, mas sim um mecanismo que ajudaria o indivíduo se libertar de coisas que o deixem estagnados no passado. Então, o esquecimento não seria a destruição da memória, mas ele iria filtrar o que é necessário e o que não tem serventia para a vida, assim, fazendo com que o indivíduo tenha mais equilíbrio para que viva uma vida mais focada no presente, sendo mais criativo.

É possível também compreender o esquecimento como uma ferramenta necessária para a inovação e renascimento cultural. Para Nietzsche, o esquecimento não é apenas apagar e negligenciar o passado, mas é um processo que faz uma reorganização da memória, que filtra o que é útil, assim abrindo caminho para a criação, novas ideias e perspectivas para os indivíduos. O esquecimento não é uma negligência ao passado, mas é uma forma de permitir que os indivíduos rompam com tradições do passado, promovendo a criatividade e a inovação.

O esquecimento é necessário para o surgimento de novos jeitos de pensar e viver, tendo um grande papel para a renovação e superação de uma fixação dos valores históricos. Nietzsche destaca o esquecimento como um motor para a transformação, assim superando as limitações impostas pelo passado. Até os dias atuais, a inovação muitas vezes encontra uma resistência devido ao apego ao passado, e o que já foi estabelecido. Porém, ao romper com esse apego histórico, o esquecimento contribui para a formação de ideias mais autênticas e inovadoras de pensar e viver, fazendo com que os indivíduos busquem uma renovação constante.

2. NIETZSCHE E A REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA

Nietzsche tem grandes reflexões sobre a história, e como ela pode ser positiva para a vida humana, porém, seu excesso pode ser negativo para a criatividade e inovação. Para ele, a história deve sempre servir à vida, incentivar, inspirar os indivíduos e não os prender no passado, ou seja, a história passa a ser usada como um instrumento para a superação desse passado, e passa a inovar no presente. Com isso, Nietzsche identifica três modelos de história, sendo a história monumental, a história antiquária e a história crítica. Esses três modelos mostram diferentes formas de entender a história e como esse passado pode ser utilizado no presente.

Como Nietzsche afirma:

Mas que a vida necessite da história precisa ser tão claramente concebido quanto à formulação que precisará ser posteriormente demonstrada – que o excesso de história prejudica o vivente. A história é pertinente ao vivente em três aspectos: ela lhe é pertinente conforme ele age e aspira, preserva e venera, sofre e carece de libertação. A esta tripla ligação, correspondem três espécies de história, uma vez que é permitido diferenciar entre uma espécie monumental, uma espécie antiquária e uma espécie crítica de história. (NIETZSCHE, 2003, p. 17-18).

A história monumental vai exaltar totalmente o passado, os grandes feitos, fazendo com que os indivíduos se inspirem no passado, ao mesmo tempo que pode limitar a visão do presente, limitando a criatividade para ações para o futuro. Já a história antiquária tem o foco de preservar as tradições, com isso, o apego ao passado também dificulta as inovações e a criatividade necessária para viver uma vida sem estagnação.

Esse excesso de apego às tradições pode causar o aprisionamento dos indivíduos em um ciclo repetitivo da história, assim impedindo-os de transformar esse presente. Enquanto a história crítica vai propor uma reflexão sobre o passado, fazendo assim com que os indivíduos percebam quais elementos desse passado já não servem mais para a vida. Essa história crítica, ao contrário dos outros tipos de história, vai se basear nessa avaliação do passado para determinar o que é útil para a vida, e o que não é mais útil, assim, abrindo possibilidades para a renovação e novos modos de viver.

2.1. A História Monumental

A história monumental, segundo Nietzsche, busca destacar os grandes feitos realizados por indivíduos no passado, apresentando-os como fonte de inspiração para o presente. Esse tipo de história, ao celebrar os atos heroicos e grandiosos, pode impulsionar o ser humano a enfrentar os desafios da vida com coragem e determinação. No entanto, Nietzsche também critica a história monumental por seu potencial de limitar a criatividade e a originalidade no presente, ao induzir uma repetição ou idealização do passado em detrimento de novas possibilidades. De acordo com Lima (2012, p. 66):

Faz parte do propósito da História monumental produzir no homem o estímulo e a sedução necessária para o processo do criar artisticamente. Ao preservar as aventuras de outrora, a história monumental inspira a humanidade lançar-se frente ao aberto que é a vida, pois nela o homem encontra força para determinar seu acontecer histórico. Assim, tal história mostra aos homens aventureiros do futuro que seus antepassados também já passaram pelas mesmas adversidades que eles e foram capazes de superá-las. Para tanto, bastou apenas a virtude, grandeza e capacidade de dizer sim à sua condição humana.

A partir disso, a história monumental pode atuar tanto como uma fonte de motivação quanto como um risco de estagnar o presente ao impor os ideais do passado. Para Nietzsche, o problema da exaltação do passado seria o fato de que ela pode dificultar a criação de novas possibilidades e a expressão da criatividade humana, transformando o presente em apenas uma repetição ou idealização desse passado.

Além disso, Nietzsche considera a história monumental, quando levada em excesso, pode fazer com que o passado seja muito glorificado, fazendo com que os indivíduos desconsiderem as condições históricas específicas que possibilitaram aquelas realizações do passado, ou seja, pode acabar comparando o presente com o passado, gerando uma inferioridade. O que pode levar também à estagnação, pois esse presente pode ser comparado com esse passado com os atos grandiosos.

Ainda assim, Nietzsche reconhece a importância desse modelo histórico, desde que utilizado de forma equilibrada no presente. O passado, para ele, não é algo totalmente negativo, mas deve servir como um estímulo para o indivíduo. No entanto, Nietzsche enfatiza a necessidade de evitar a idealização excessiva do passado, pois isso pode aprisionar o indivíduo em um modelo de vida que já não faz sentido no contexto atual, levando à estagnação.

Nesse sentido, a história monumental deve ser vista como uma ferramenta para ajudar no presente, servindo para ajudar na criação e transformação, ao invés de um modo fixo a ser seguido rigidamente. Para Nietzsche, esse equilíbrio é fundamental, pois o passado precisa existir como uma inspiração, mas nunca ao ponto de deixar o presente de lado.

O que Nietzsche propõe é que os grandes feitos do passado não devem ser celebrados, mas usados como uma ferramenta para inspirar novas realizações. Assim, o papel da história monumental é o de manter vivo esse potencial humano, sem que transforme em uma prisão e limite as possibilidades para transformação do presente, esse equilíbrio é necessário para que a história monumental ajude também na busca pela criatividade e renovação. A criatividade e a renovação precisam que o indivíduo venha a equilibrar a inspiração com a necessidade de avançar, da inovação.

2.2. A História Antiquária

A história antiquária, segundo Nietzsche, é o modo de história que busca preservar a memória do passado. Essa história tem como função principal manter o vínculo dos indivíduos e suas tradições, valorizando assim os eventos, os objetos que dão a identidade cultural de um povo. Nietzsche reconhece a importância da história antiquária, pois é necessário que as comunidades encontrem um sentido para continuarem ao longo do tempo.

Esse modo de história faz com que haja raízes que ancorem os indivíduos em um contexto histórico, isso faz com que os indivíduos compreendam a sua origem, e com isso, faz com que haja sentido na sua existência no presente. A história antiquária também vai contribuir para a formação do pertencimento e continuidade, importante para que os indivíduos percebam a conexão entre suas vidas na atualidade com a história de sua comunidade essa conexão com a história pode fornecer esse senso de propósito cultural, servindo como um guia para ações no presente.

Entretanto, Nietzsche também vai perceber os perigos do excesso da história antiquária, pois pode haver um apego muito forte ao passado, o que faz com que esse modo de história passe de uma força inspiradora para um peso que vai sufocar esse presente. O excesso dessa história também pode acabar impedindo a inovação necessária para o progresso humano. Então Nietzsche critica a "mania antiquária", que vai fazer até os menores detalhes do passado em algo a se venerar, mesmo que tais detalhes já tenham perdido sua importância para o presente. Assim, Nietzsche destaca:

O homem envolve-se com um cheiro de mofo; através da mania antiquária, ele consegue reduzir uma disposição mais significativa, uma necessidade nobre, a uma sede insaciável por novidade, ou, mais corretamente, por antiguidade, e por tudo e por cada coisa; frequentemente ele desce tão baixo que acaba por ficar satisfeito com qualquer migalha de alimento e devora com prazer mesmo a poeira de minúcias bibliográficas (NIETZSCHE, 2003, p.28-29).

Com isso, é possível ver que o apego excessivo ao passado, segundo o autor, esse apego é prejudicial porque vai paralisar a criatividade humana. O indivíduo que se apega demais em tradições antigas acaba perdendo a capacidade de inovar, transformar e questionar o presente. Nesse sentido, esse passado deixa de ser uma inspiração, e começa a impedir as novas possibilidades e ideias para o presente.

Nietzsche ressalta que esse apego pode levar à uma idealização do passado que talvez nunca tenha existido, criando muitas vezes uma visão romantizada da história que prejudica a vida presente. Além disso, essa idealização pode fazer com que haja resistências às mudanças, assim fortalecendo estruturas que limitam esse desenvolvimento humano.

Entretanto, Nietzsche não vai propor o abandono por completo dessa história antiquária, pois, ele vai reconhecer que o passado, quando é utilizado de forma consciente, pode ser de grande valor e significado que podem ajudar o presente a se desenvolver. Para Nietzsche, o necessário é preservar o que é significativo para o presente, e que serve de estímulo para novas possibilidades. O passado não deve ser idealizado ao ponto de estagnar o presente, mas também não deve ser ignorado. Para Nietzsche, o objetivo é sempre colocar a história para servir a vida, fazendo com que as tradições sejam reavaliadas e usadas para a inovação.

Nesse sentido, a história antiquária, assim como a monumental, precisa ser equilibrada, servindo como um recurso para conectar os indivíduos às suas origens, sem comprometer essa sua capacidade de agir criativamente no presente, ou seja, sem fazer com que o indivíduo fique estagnado por conta do passado. Esse modo consciente e mais seletivo permite que as tradições sejam utilizadas para afirmar a vida, para ajudar na inovação, para que a história continue servindo a vida.

2.3. A História Crítica

A história crítica não seria apenas uma análise do passado como os outros modelos de história, não se tem um excesso de passado, e sim, mantém um equilíbrio para que o passado não atrapalhe o presente, para que ele possa inspirar e motivar os indivíduos no presente para a criatividade e inovação. Para Nietzsche, a história crítica é uma forma de história que faz a avaliação do passado com objetivo de rejeitá-lo se não for benéfico à vida, esse modelo é referente à capacidade humana de romper com tradições que não servem mais e questionar esses valores herdados. Nesse sentido, a história crítica assume um caráter de libertação, fazendo com que o presente se reconstrua sem estar com o peso de ideias ultrapassadas.

Diferente das abordagens monumental e antiquária, a história crítica não vai se limitar a exaltar ou preservar o passado, mas ela busca libertar o presente dessa influência do passado, assim ajudando na criação e na inovação. Essa abordagem vai permitir que o passado seja usado como uma base para a transformação, reconhecendo sua importância, mas sem permitir que ele se torne um peso para o presente.

Com isso, a história crítica vai equilibrar os aspectos histórico e a-histórico, pois ela reconhece o valor do passado como um ponto de partida, mas não deixa o presente sobrecarregado. Fazendo um diálogo com o a-histórico, a história crítica vai valorizar a capacidade de viver no presente, livre de aspectos que já não servem mais à vida. Nietzsche então vai destacar a vivência a-história:

Daí a importância de uma vivência a-histórica que nos aproxime da nossa condição animal. A criança também compartilha em parte dessa condição. Por isso o homem se comove e sente inveja ao ver o rebanho pastar ou, de forma mais próxima, quando “vê a criança, que nada tem a negar do passado, brincando entre acerca do passado e do futuro em uma cegueira abençoada, como se recordasse de um paraíso perdido” (NIETZSCHE, 2014, p. 34-35).

Ao falar dessa vivência a-história, Nietzsche propõe esse balanceamento entre o passado e o presente. Essa dimensão a-histórica é de grande importância para que seja preservado a vitalidade e a criação, assim como ele cita no trecho sobre o rebanho pastando e a criança brincando, ele mostra que o ser humano também precisa de momentos para se desprender do passado para se conectar com o presente de forma mais plena.

No entanto, Nietzsche reconhece que apesar desse modelo ser mais inspirador, ele pode levar a um desprezo total pelo passado, fazendo com que os indivíduos foquem mais no presente, o que para Nietzsche também é ruim, pois para ele a história é necessária até certo ponto, então não seria bom que fosse totalmente desprezada, pois, isso poderia ser prejudicial a vida humana, pois vai perder a base da criatividade. Sem o passado como referência, o presente vai correr um risco de se desconectar do supra-histórico, que é onde os valores universais podem ser reafirmados.

Com isso, a história crítica, quando é equilibrada, pode ser uma ferramenta de grande poder para a renovação da vida, preservando o que é significativo do passado e descartando o que não é mais útil, ou o que é prejudicial. Nesse processo, ela promove uma vivência criativa e dinâmica, que vai unir a memória e o esquecimento em benefício da existência, pois para Nietzsche, a história deve sempre servir à vida, e a história crítica vai ser necessária para alcançar esse objetivo, garantindo assim, que o passado seja usado para impulsionar a transformação no presente.

3. A CRÍTICA DE NIETZSCHE AO HISTORICISMO

A crítica de Nietzsche ao historicismo vai ter foco na questão do excesso de história, pois o historicismo traz essa obsessão com o passado que pode ser um grande prejudicial para a vida humana e para a criatividade. Esse foco excessivo no passado pode ser ruim para a atividade criativa do presente, fazendo com que não haja inovação, então os indivíduos continuam estagnados. Esse excesso de história, ao invés de enriquecer o presente, vai paralisar essa possibilidade de inovação. Assim, Nietzsche fala sobre a questão do esquecimento, não como uma amnésia, mas que permita que os indivíduos vivam no presente, e possam ter criatividade para a criação de novos valores.

Para Nietzsche, essa obsessão com o passado que é promovida pelo historicismo, vai resultar na incapacidade de criar no presente, pois os indivíduos ficam presos no passado. Essa valorização excessiva da história acaba se transformando em um peso, que afeta os indivíduos e a sociedade, ao ponto de não conseguirem progredir culturalmente e socialmente. Então, o autor vai fazer essa crítica ao historicismo, pela prática de fazer apenas esse acúmulo de informações, fazendo assim uma negligência das necessidades de transformar esse conhecimento para algo útil e que sirva à vida.

Essa crítica de Nietzsche ao historicismo vai ser ligada a essa sua análise do tempo e à importância de uma relação mais saudável com o passado. O historicismo, para Nietzsche, caracteriza uma obsessão pelo passado que, embora tenha uma boa intenção, acaba por prejudicar a vida dos indivíduos e a criatividade. Nietzsche observa que essa tendência de valorizar excessivamente a história, tanto pela preservação de eventos históricos, pela veneração de algumas tradições, ou até pela busca pelos ensinamentos do passado, pode fazer com que haja uma limitação na capacidade criativa do indivíduo e da sociedade.

Nesse contexto, Nietzsche apresenta três formas de se relacionar com o tempo: o histórico, o a-histórico e o supra-histórico. A relação histórica vai envolver o valorizar e aprender com o passado para orientar o presente, mas, quando muito exagerada, pode se tornar um peso que paralisa o indivíduo. A relação a-histórica, por outro lado, vai destacar a importância de esquecer e se desprender desse passado, permitindo que os indivíduos vivam plenamente no presente e tenham uma energia criativa. Já a relação supra-histórica vai além do tempo linear, vai conectar o indivíduo a valores e experiências que transcendem a história, oferecendo uma visão que vai inspirar as criações e transformações.

A crítica nietzschiana, no entanto, não vai defender a total negação do passado, mas vai defender a necessidade de reconfigurar esse passado em um modo que sirva à vida. Ele propõe

que a história deve ser usada como um recurso funcional, que enriqueça a capacidade humana de criar e inovar, sem aprisionar os indivíduos a valores ultrapassados.

Essa crítica vai se conectar com as três formas de relação com o passado apresentadas por Nietzsche, que são a história monumental, a antiquária e a crítica, e pode-se destacar que se usarem essas abordagens de forma desequilibrada, pode acontecer de usarem padrões ultrapassados, e com isso, compreender a capacidade de transformação, pois enquanto a história monumental e antiquária, quando são levadas ao extremo, tentam congelar esse passado, a história crítica vai oferecer essa possibilidade para a renovação.

No entanto, o que Nietzsche propõe não seria a rejeição total da história, mas sim, uma reconfiguração do jeito que a sociedade se relaciona com ela, pois, a história, como Nietzsche argumenta, precisa estar a serviço da vida, prezar a capacidade e inovação humana, e não ser usada como um aprisionamento ao que não é mais útil para o presente. Assim como vai ser destacado:

Na Segunda Extemporânea, portanto, a crítica ao historicismo aplica-se à constatação de um diagnóstico de degenerescência do sentido histórico, ou seja, à hipertrofia da virtude histórica, pois, para o seu autor, embora seja verdadeiro que o homem precisa da história para viver, que ela se constitui como uma questão seminalmente útil para a força de uma cultura, não é menos verdadeiro que o seu excesso acabe arrefecendo todo programa vital, comprometendo profundamente a destinação humana (JULIÃO, 2022, p.34).

Esse excesso de história, segundo Nietzsche, resulta em uma estagnação da humanidade, já que esse olhar excessivo ao passado impede a criação de novos valores. Para o filósofo, o esquecimento não seria algo negativo, mas um mecanismo necessário que permite que os indivíduos se libertem do passado para criarem algo novo, mais útil para o presente e com as necessidades da vida.

Nesse sentido, o equilíbrio entre o histórico, o a-histórico e o supra-histórico é fundamental. A história não deve ser apenas uma ferramenta de preservação do passado, mas um recurso que, combinado com o a-histórico, permite que o presente seja vivido em sua plenitude. O supra-histórico, por sua vez, fornece uma visão transcendente, ajudando a orientar a criação de valores que fortalecem a existência humana.

Nietzsche argumenta que a história é útil quando ela se submete às necessidades da vida e à ação criativa do ser humano, a memória e a história não devem ser elementos que preservam

fixamente, como se nada mudasse, mas que fossem ferramentas que ajudem o fortalecimento da existência.

Nesse sentido, a história precisa ser adaptada à vida presente, e não se tornar um aprisionamento ao passado que limita a liberdade do indivíduo. A história, ao invés de ser uma memória paralisante, deve ser vista como uma ferramenta que impulsiona esse presente, fazendo com que haja a criação de novos valores.

Nietzsche se opõe, portanto, à ideia de uma história estática que só vai reforçar padrões antigos, fazendo uma desconexão do ser humano das suas necessidades criativas. Em seu pensamento, a história só pode ser considerada benéfica quando é usada em benefício à vida, isso mostra que a história não é uma ferramenta de preservação do passado, pois ela precisa ser transformada, reformulada e reinterpretar de maneira que ajude no crescimento, na inovação e na superação da vida presente. Portanto:

A história deve estar a serviço da vida, afirma peremptoriamente Nietzsche, ela não deve, por conseguinte, se esgotar em um puro conhecimento do passado, pois isto a tornaria necessariamente estéril. No entanto, a era moderna estabeleceu uma nova relação entre a história e a vida, mas se tratava de uma relação claramente hostil, na medida em que pretendia fazer da história uma ciência, a “ciência do devir universal”, ou seja, um conhecimento da “verdade” de todas as coisas do passado. Contudo, como é evidente, os estudos históricos operam no campo das representações, das imagens e das formas, isto é, trabalham com aparências e interpretações, razão pela qual não podem pertencer à esfera da ciência no sentido rigoroso do termo. Porém, esta tendência cientificista dos estudos históricos acabou por afogar a cultura moderna no mais extremo historicismo, na condição de segunda natureza do homem moderno (SOBRINHO, 2005, p. 44-45).

O trecho de Sobrinho mostra um ponto importante da crítica de Nietzsche ao historicismo, a transformação da história em uma “ciência do devir universal”, que ao tentar capturar a “verdade” absoluta sobre esse passado, acaba ignorando sua natureza de interpretação, e também sua dinâmica. Nietzsche, ao se opor a esse historicismo, vai colocar em questão a possibilidade de uma história que apenas se reduza aos eventos, assim, sendo desconectada das necessidades da vida e da criação de novos valores.

Portanto, essa crítica não foi uma rejeição da história, mas sim, uma necessidade de mudar a maneira como os indivíduos se relacionam com ela. A história, para Nietzsche, deve ser estimulada e adaptada às exigências do presente, e assim, utilizada como uma ferramenta

criativa, impulsionando o ser humano para a inovação. Já o excesso de história, se torna um obstáculo para o crescimento humano, pois ao ficar preso a fatos do passado, acaba dificultando a transformação e a superação do presente.

A história deveria trazer de volta toda exuberância e grandeza da Grécia pré-socrática. A ação do homem histórico deveria estar voltada para a criação, pois enquanto agente da história ele se encontra extremamente ligado a ela e não fora dela. Ignorar isto revela quanto enfraquecida tornou-se a personalidade do homem moderno, dotado de conhecimento histórico, mas desprovido de ação em prol do criar. Um homem que conhece – ou acredita conhecer – todos os detalhes da história, mas que, no entanto, desconhece todo o seu significado para a ação e para o transbordamento da vida que é constitutivo do próprio acontecer histórico (LIMA, 2012, p. 54-55).

Nesse trecho é possível ver que, assim como Nietzsche, Lima vai fazer uma crítica ao homem moderno, mostrando o que é preciso mudar nessa relação do homem com a história. O homem moderno tem muito saber histórico, porém pouca criatividade para ação, ou seja, esse conhecimento histórico sem ser utilizado para ações criativas acaba se tornando inútil, fazendo com que a capacidade de renovação dos indivíduos diminua. Então, a história só vai ser benéfica quando os indivíduos a utilizarem como fonte de criatividade e inovação, permitindo criar algo que vá afirmar à vida no presente, ou seja, a história pode ser um elemento de grande importância para a criação, sendo utilizado da forma certa pelos indivíduos e sociedade.

É possível perceber que a crítica de Nietzsche está vinculada a concepção de tempo e a importância do esquecimento, não como um ato de destruição do passado, mas como uma necessidade para a criação e o fortalecimento da vida. O equilíbrio entre as três formas de relação com o tempo, que é o histórico, o a-histórico e o supra-histórico, que é fundamental para que essa história não se torne um peso, e sim, uma fonte de criação e vitalidade.

Por fim, essa reflexão de Nietzsche sobre a história nos faz pensar na forma de lidar com o passado. Ao invés de preservar o passado de maneira rígida, é preciso que torne esse passado aliado da vida, assim permitindo que ele sirva para a nossa capacidade de transformar, inovar e criar novos valores. Com isso, a história vai ser útil ao ser humano, não vai ser mais como um peso do passado, mas será uma ferramenta utilizada para impulsionar esse presente.

4. MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E CRIATIVIDADE

A questão da história e memória são de grande importância para a formação cultural, mas também pode ser um grande risco se não houver equilíbrio, pelo excesso de historicidade. A memória é fundamental para o ser humano, pois ela ajuda os indivíduos a lembrarem do seu passado e das coisas, assim construindo a base da nossa identidade e cultura. Os indivíduos podem aprender com suas experiências, e também com os eventos históricos que moldaram a sociedade, os quais podem ser positivos até certo ponto, pois Nietzsche alerta que essa relação com o passado precisa ser equilibrada.

O excesso dessa história pode ser ruim para a criatividade e a vitalidade humana, portanto, Nietzsche introduz o esquecimento como uma capacidade deixar o que já não contribui mais para o presente, e o que pode ser prejudicial para a criação de novas coisas. Esse esquecimento se torna necessário para que possibilite inovações, para que a história seja utilizada de uma forma que possa promover a criatividade humana, que seria a habilidade de não se limitar ao passado, mas utilizado para fazer inovações no presente.

Além disso, Nietzsche destaca que essa relação equilibrada entre memória e esquecimento está ligada ao conceito de força plástica, que permite que o indivíduo e a cultura não só recordem dos elementos do passado, mas os usem de forma criativa, assim adequando esses elementos à vida no presente. Essa força plástica atua como esse “equilíbrio” que transforma esse peso das memórias histórias em uma fonte de criação e inovação. É a força plástica que impede que o passado se transforme em um peso, e abre espaço para que haja criatividade.

Nietzsche então observa que o ser humano, ao contrário dos animais, não vai conseguir esquivar-se do peso do passado. Enquanto os animais vivem no presente, sem ter lembranças de dor ou de prazer, o homem vai ser constantemente assombrado por sua memória, o que faz com que os indivíduos muitas vezes não hajam de forma criativa e espontânea. Ele fala dessa diferença em uma frase na sua obra *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*:

Observe o rebanho a pastar: ele nada sabe do que é o ontem e o hoje; saltita aqui e acolá, come, descansa, digere, novamente saltita, noite e dia, dia após dia. Em resumo, preso ao seu prazer e desprazer, estancado no instante, não se entristece nem se enfastia. Ver isso é difícil para o homem, que se vangloria de sua humanidade perante o animal, mas contempla enciumado a sorte deste – pois o homem apenas quer, como o animal, viver sem fastio e sem dor; mas o quer em vão, por não querer como aquele. O homem pergunta ao animal: 'por que nada me diz de sua sorte e apenas me fita?' O animal quer

responder e dizer: 'acontece que eu sempre esqueço o que quero dizer' – mas já esquece essa resposta e silencia, e o homem se espanta (NIETZSCHE, 2014, p. 33).

Nesse trecho, Nietzsche faz uma crítica sobre o excesso de memória que sobrecarrega esses indivíduos, fazendo com que ele não viva um presente pleno, diferente dos animais. Essa crítica se relaciona com o conceito de esquecimento que ele propõe como uma capacidade importante para que os indivíduos vivam uma vida plena. Para Nietzsche, o esquecimento não é negligenciar o passado, mas uma condição necessária para uma melhor vitalidade e criatividade.

Essa dinâmica reflete nos modos de relação com o passado, que Nietzsche explorou, sendo o histórico, o a-histórico e o supra-histórico. O modo histórico é caracterizado pela capacidade de aprender com o passado, já o modo a-histórico vai representar a habilidade de viver no presente, sem o peso das memórias, como os animais vivem, e, por fim, se tem o modo supra-histórico, que permite o indivíduo e a cultura interpretem eventos passados como valores atemporais.

Esses modos, quando bem equilibrados, podem ser ferramentas importantes para a criatividade e renovação cultural. Contudo, o excesso de qualquer um modo de história pode acabar resultando em estagnação, o que Nietzsche mostra que é prejudicial à vitalidade humana. De acordo com Nietzsche:

Um homem que sentisse tudo unicamente de forma histórica seria parecido com alguém que tivesse abdicado do sono [...]. Portanto, é possível viver, e até mesmo viver feliz, quase sem lembranças, como mostra o animal; mas é totalmente impossível viver sem o esquecimento. Ou, para me expressar sobre meu tema de forma mais clara: existe um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, que prejudica o vivente e por fim o destrói, seja um homem, um povo ou uma cultura (NIETZSCHE, 2014, p. 36).

Com isso, ele enfatiza que o excesso de memória pode ser prejudicial aos indivíduos, pois ele vê essa memória histórica como uma ameaça à vitalidade e criatividade humana. Nietzsche enfatiza sobre como é possível viver quase sem lembranças, mas que é impossível viver sem esquecer, porque viver com essa consciência histórica impede o indivíduo ou cultura de fazer renovações para viver da melhor maneira no presente.

Ao explorar essas ideias, é importante perceber como Nietzsche conecta o esquecimento ao conceito de devir, ou seja, a esse movimento de transformação caracteriza a vida. O

esquecimento, nesse sentido, não seria apenas apagar o passado, mas é uma forma de se abrir para o novo, para a transformação, assim conectando-se com o fluxo da existência. Isso faz com que haja uma relação ativa com o passado, o que já não é mais importante para o presente é deixado de lado, enquanto o que é significativo pode ser reinterpretado e usado no presente.

Para Nietzsche, o esquecimento desempenha um papel importante no equilíbrio entre a memória e a vida, ele não nega o passado, mas apenas faz a seleção do que é mais significativo para o presente e o futuro de uma cultura, assim mostrando o esquecimento como uma força ativa e criadora, que liberta o indivíduo desse peso que pode ser prejudicial, fazendo com que ele veja novas possibilidades e use a criatividade, que Nietzsche introduz como uma habilidade de não só se limitar ao passado, mas sim, fazer o uso do passado para fazer inovações no presente. Portanto, o esquecimento e a inovação são necessários para a vida humana, pois sem eles a vida seria um ciclo da história sem fim e não teria espaço para a criatividade e para reinvenção.

4.1 A Dialética entre Memória e Esquecimento

Nesse contexto, é possível analisar a discussão sobre o caráter criador do esquecimento, incluindo a relação com a arte, a vida e o devir. A memória e o esquecimento são forças fundamentais para a criação e a afirmação da vida. A memória, sendo aquela que é necessária para a continuidade do aprendizado, porém quando essa memória passa a ser um peso, acaba aprisionando o indivíduo nesses eventos passados e impedindo-o de viver plenamente esse presente.

Quando existe o excesso de memória, ela acaba dificultando a adaptação e o crescimento, pois os indivíduos se enxergam constantemente presos a valores que não servem mais para a vida no presente. Enquanto isso, o esquecimento, funciona como uma força ativa e libertadora, que permite que o homem se desvincule de valores que não servem mais, e assim, abra espaço para criar novas possibilidades. Nietzsche introduz o conceito de força plástica, que vai ser uma habilidade de transformar o passado de forma criativa, essa força evita que o passado se torne um peso morto.

Essa força plástica não vai eliminar o passado, mas ela transforma esse passado em um potencial para a renovação da existência. Essa dialética entre o lembrar e esquecer não é um jogo psicológico, mas uma condição para a vitalidade e criatividade humana. Com isso, o esquecimento não é apenas o apagar, mas uma arte, uma habilidade de selecionar o que não é

mais necessário, assim permitindo que a vitalidade do presente permaneça. Ao esquecer o que não é mais necessário e reinterpretar o que é importante, o homem começa a se abrir ao devir, o fluxo contínuo de transformação que caracteriza a existência criativa.

Para Nietzsche, essa abertura ao devir seria como uma verdadeira essência da liberdade humana, essa capacidade de transformar o presente a partir do passado, sem excessos. Nietzsche, ao refletir sobre a relação entre memória e esquecimento, sugere que essa dialética não é apenas um fenômeno psicológico individual, mas uma dinâmica que abrange a cultura, os povos e a história.

A memória em excesso pode acabar se transformando em um fardo que impede a renovação, enquanto o esquecimento vai abrir espaço para a criatividade e renovações. A capacidade de equilíbrio entre memória e esquecimento é importante para os indivíduos e para as culturas, pois uma sociedade que nada esquece, que permanece no passado, acaba correndo o risco de perder sua vitalidade e cair em estagnação.

Portanto, a cultura que valoriza o esquecimento como algo criador é capaz de sempre se renovar e sempre prezar pelo novo, sempre se reinventando e criando valores ao ponto de fortalecer sua relação com o presente e abrir novas possibilidades para o futuro. Culturalmente, essa proposta de Nietzsche oferece uma reflexão ética de como lidar com o passado. Quando a história e a memória são vistas como ferramentas dinâmicas, elas podem fazer uma contribuição para a construção de uma sociedade mais criativa, onde o futuro não é mais uma repetição desse passado, mas um desenvolvimento do que esse passado foi, e pode ajudar a transformar esse presente.

Diante disso, a dialética entre memória e esquecimento, ao contrário de ser uma simples oposição, vai se revelar como um jogo de equilíbrio, que ajuda na criatividade. O equilíbrio entre a memória e esquecimento é importante para que o indivíduo e a sociedade possam transcender esse passado e abrir-se para o novo.

Nesse sentido, a memória e a história devem estar a serviço da vida, sempre se adaptando às necessidades do presente, e contribuindo para o fortalecimento da criatividade e da vitalidade humana. Por fim, essa abordagem permite que a memória funcione não como um peso que limita, mas como uma base flexível, capaz de impulsionar a criação de novos valores e a inovação cultural.

4.2 O Esquecimento Como Forma de Inovação

Nietzsche enxerga o esquecimento como uma forma de inovação para o presente, pois o excesso de historicidade pode destruir a criatividade dos indivíduos, portanto, é necessário usar a história de forma a inspirar o presente e não estagnar os indivíduos. O excesso de historicismo poder fazer com que as culturas permaneçam da mesma forma do passado, sem mudanças, e para Nietzsche é necessário que haja uma inovação, uma capacidade para a criação do novo e o desenvolvimento da cultura.

Para Nietzsche é necessário que os indivíduos esqueçam tudo que for limitante e não inspire para o presente, é necessário o esquecimento para que os indivíduos possam produzir novas coisas e haja espaço para a inovação. Isso mostra que, ao esquecer, os indivíduos podem restaurar essa sua capacidade de criação, ao invés de continuar sendo moldados por esse passado.

Essa capacidade de esquecer o que não é mais necessário possibilita a abertura ao devir, ou seja, ao constante movimento e transformação que vai caracterizar a existência criativa. Essa concepção é de grande relevância na análise da relação entre esquecimento e arte. Em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche apresenta os conceitos de apolíneo e dionisíaco como expressões artísticas. O apolíneo, que é associado à ordem, à racionalidade e à forma, que representa uma capacidade de dar sentido as experiências. Já o dionisíaco, ligado à embriaguez e caos, e também à superação dos limites, integra um aspecto transformador e criativo ao esquecimento. Assim, esse esquecimento dionisíaco permite romper com essa “memória” apolínea, que só traz a ilusão, assim ajudando a criar expressões artísticas, alcançando assim um potencial vital.

Nesse processo de criação, o esquecimento é como um filtro criativo, pois ele possibilita que o homem se liberte de valores herdados, que já não são mais relevantes para o presente. Esse desprendimento não quer dizer que o indivíduo deva negar o passado, mas transformar sua relação com ele, reconhecendo o que pode ser afirmado, e integrar de forma criativa e inovadora à vida atual. Esquecer, para Nietzsche, é mais do que deixar de lembrar, é uma forma de se libertar do peso e da estagnação do passado, afirmando a vida em toda sua potencialidade criativa, que leva o indivíduo e a cultura para uma inovação.

A força plástica, como Nietzsche descreve seria a chave para a inovação, pois essa força não apenas permite o esquecimento, mas também facilita a transformação desse passado, moldando-o de acordo com as necessidades e exigências do presente. A força plástica, portanto, não seria apenas o apagar das memórias, mas seria uma ferramenta ativa para reinterpretar esse

passado, fazendo com que ele seja fonte de inspiração para abrir novas possibilidades. Essa força plástica então seria fundamental para evitar essa estagnação que provém do peso das lembranças histórias, possibilitando a vitalidade.

Portanto, é nesse sentido que o esquecimento não deve ser visto como uma negação do passado, da história, mas como uma forma de usá-lo para estimular a criação e inovação. Nietzsche então propõe, que ao exercer essa força plástica, não apenas podemos apresentar o que é importante desse passado, mas também abrir caminhos para a inovação, permitindo que os indivíduos e culturas se reinventem constantemente.

Desse modo, o esquecimento se torna uma ferramenta de grande poder, não apenas sendo responsável por aliviar o indivíduo do peso do passado, da história, mas também por fornecer esse ambiente mais criativos e inovadores para afirmar à vida e a vitalidade humana mais alinhadas com o devir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como propósito fazer uma análise das reflexões de Friedrich Nietzsche sobre a história, memória e esquecimento, e como essa reflexão poderia estimular a criatividade e renovação cultural, com base na *Segunda Consideração Extemporânea*. Através da análise feita durante esse trabalho, é possível perceber a visão crítica de Nietzsche em relação ao historicismo e sua defesa ao esquecimento para que haja criatividade para uma inovação no presente.

Ao longo dessa análise, os três tipos de história, sendo elas a história monumental, antiquária e crítica foram examinadas como perspectivas que poderiam tanto ser úteis à vida, quanto poderiam causar perigos conforme fossem empregadas, porque, para Nietzsche, a relação com o passado não vai ser neutra, ou seja, é preciso do equilíbrio, pois o excesso de qualquer um dos tipos de história pode sobrecarregar a vitalidade humana, que pode acabar se tornando um peso que vai paralisar a ação criativa para a transformação.

A crítica de Nietzsche ao historicismo foi de grande contribuição para esse estudo, pois Nietzsche aponta que o acúmulo excessivo de conhecimento histórico pode levar os indivíduos e as sociedades à paralisação, ficando incapazes de agir no presente. Ao contrário de uma simples acumulação do passado, a história, quando é usada de forma certa e com equilíbrio deve servir à vida, assim ajudando na vitalidade e capacidade de agir. Com isso, Nietzsche defende o esquecimento como uma capacidade fundamental, já que ele vai permitir a renovação e a superação do passado.

A interação entre a memória e esquecimento foi abordada como um equilíbrio necessário para a vida, pois para Nietzsche, esse equilíbrio vai potencializar a criatividade ao evitar esse excesso do passado, e também, vai evitar o vazio de uma desconexão total com esse passado. Nesse contexto, a força plástica surge como um elemento fundamental para a renovação cultural e criativa, ela representa a capacidade de moldar o passado de forma que ele se torne uma fonte de inspiração e não de estagnação. Essa ideia se mostra de grande importância na visão de acumulação da história, que é típica no historicismo, que ignora essa dinâmica entre o lembrar e esquecer, assim, dificultando o potencial criativo.

A força plástica permite que o indivíduo, ou a sociedade, selecione e recrie elementos do passado de maneira que impulse a ação criativa no presente. Além de citar os tipos de história, Nietzsche também articulou sobre os modos histórico, a-histórico e supra-histórico, e de como é necessário o equilíbrio, pois, o excesso de cada um pode ser prejudicial, entretanto,

quando equilibrados, eles se tornam ferramentas de grande potencial para construir um futuro inovador.

Esse equilíbrio, ao combinar essa memória e esquecimento, faz com que haja um diálogo construtivo com o passado, no qual ele deixa de ser um peso que impede o progresso no presente, e passa a ser um recurso para novas criações. Com isso, Nietzsche oferece um caminho para pensar sobre a nossa relação com o passado, por meio da valorização do esquecimento em equilíbrio com a memória, sendo a força plástica a chave para transformar o passado em uma força que impulsiona a criatividade, promovendo uma existência mais vital, alinhada com o presente.

Conclui-se, portanto, que a proposta Nietzsche de reavaliar a função da história em relação à vida nos ajuda a refletir sobre como usar o passado de maneira criativa para transformar o presente e ter novas possibilidades futuras. Essa perspectiva continua sendo de grande relevância nos dias atuais, pois incentiva uma postura crítica e inovadora diante de influências históricas e culturais que moldam nossa sociedade. Ao reconhecer essa força plástica como um elemento central, pode-se explorar novas formas de interação com o passado, fazendo com que hajam caminhos para ações mais equilibradas e criativas no presente, e contribuindo para afirmar a vida em sua plena existência.

6. BIBLIOGRAFIA

BARROS, J. D. **Nietzsche e as Críticas à Filosofia da História e à Historiografia Científica do século XIX – uma análise da Primeira Parte da 2ª Consideração Intempestiva**. Sapere Aude, v. 5, n. 10, p. 253-278, 21 dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/7743> Acesso em: 11 Nov. 2024.

BINOCHE, B. **Filosofia, história, genealogia**. Cadernos Nietzsche, v. 41, n. 3, p. 9–28, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-82422020v4103bb> Acesso em: 12 Out. 2024.

CAVALCANTI, A. H. NIETZSCHE, A MEMÓRIA E A HISTÓRIA; REFLEXÕES SOBRE A SEGUNDA CONSIDERAÇÃO EXTEMPORÂNEA. **Philosophos - Revista de Filosofia**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 77–105, 2013. DOI: 10.5216/phi.v17i2.18860. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/18860>. Acesso em: 3 nov. 2024.

DENAT, Céline. **A filosofia e o valor da história em Nietzsche. Uma apresentação das Considerações extemporâneas**. SP: Cadernos Nietzsche, nº 26, 2010.

FERNANDES, Marcos Sinésio Pereira. **O nascimento da tragédia a partir da segunda consideração intempestiva de Nietzsche**: a inauguração de um novo sentido de história. Rev. Trágica, Rio de Janeiro, UFRJ. v.1, n.1, primeiro semestre. 2008, p. 62-75. Disponível em: <https://doi.org/10.59488/tragica.v1i1.23980> Acesso em: 26 Ago. 2024.

FREZZATTI JR., W. A.. **As noções de história na II Consideração Extemporânea e em Humano, demasiado humano**. Cadernos Nietzsche, v. 39, n. 1, p. 9–30, jan. 2018.

JENSEN, A. K. **An Interpretation of Nietzsche's On the Uses and Disadvantage of History for Life**. New York: Routledge, 2016.

JENSEN, A. K.. **A visão afirmativa de Nietzsche na Segunda Consideração Extemporânea**. Cadernos Nietzsche, v. 41, n. 3, p. 49–78, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-82422020v4103akj> Acesso em: 21 Ago. 2024.

JULIÃO, J. N. **As considerações de Nietzsche sobre o sentido histórico nos textos juvenis**. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/dissertatio.v55i0.21319>. Acesso em: 3 set. 2024.

JULIÃO, J. N.. NIETZSCHE, friedrich. **sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida**. tradução de andré luís mota itaparica. são paulo: hedra, 2017. Cadernos Nietzsche, v. 38, n. 2, p. 179–186, maio 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-82422017v3802jni> Acesso em: 7 Set. 2024.

LIMA, Márcio José Silva. **Nietzsche e a crítica ao Historicismo: uma análise a partir da relação história e vida na Segunda Consideração Intempestiva**. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5607> Acesso em: 20 Ago. 2024.

LUCENA, Ludymylla. Entre o lembrar e o esquecer: reflexões sobre a memória e o esquecimento a partir de Nietzsche e Bergson. Griot : **Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 85–94, 2022. DOI: 10.31977/grifi.v22i1.2762. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/griot/article/view/2762>. Acesso em: 24 nov. 2024.

MANIERI, D. D. **NIETZSCHE E A HISTÓRIA: A RELAÇÃO COM O PASSADO**. Revista de Teoria da História, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 251–256, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28971>. Acesso em: 9 nov. 2024.

NASSER, E.. **Transfigurações do passado: aspectos do problema do tempo na segunda Consideração extemporânea**. Cadernos Nietzsche, v. 38, n. 2, p. 57–95, maio 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo: companhia de bolso, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda Consideração Intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida**. Trad. André Luís Mota Itaparica. São Paulo: Hedra, 2014.

PASCHOAL, A. E. Fios de memória na teia do esquecimento. **Philosophos - Revista de Filosofia**, Goiânia, v. 26, n. 1, 2021. DOI: 10.5216/phi.v26i1.69246. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/69246>. Acesso em: 11 nov. 2024.

RAMOS, F. R. A ANATOMIA DE UM CENTAURO: A ORIGEM DA TRAGÉDIA À LUZ DA SEGUNDA CONSIDERAÇÃO INTEMPESTIVA. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 228–246, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/29087>. Acesso em: 2 nov. 2024.

SILVEIRA LIMA, Márcio José. **Nietzsche e a história**: o problema da objetividade e do sentido histórico. In. *Cadernos Nietzsche*, v. 30. São Paulo, 2012. p. 159-181.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. **Apresentação e comentário**. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre história**. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SOUZA, Sérgio Rodrigues de. **Memória e Esquecimento em Nietzsche**: Um Estudo Antropológico / Sérgio Rodrigues de Souza. – Formiga (MG): Editora Uniesmero, 2022.